

COISAS DA VIDA

Não fossem esses e é certo
Que um Eden seria a vida,
Tranquillamente vivida
Tal como num céu aberto.

Seja velhote ou rapaz,
Seja mulher, homem seja,
Terá tudo o que deseja,
Menos um instante de paz.

Uma hora esperar nos faz
Quando não nos atordôa;
Para uma noticia boa
Dá nove noticias más;

Eis em summa, meus senhores,
O charivari - sabath
Que nas cidades nos dá
Nervosismos, mãos humores;
Que nos põe olheiras roxas
E os nervos no triste estado
De um violão desafinado
De cordas bambas e frouxas.

Desde o Snr. Presidente
Ao modesto funcionario,
O deputado, o intendente
Ou o mais humilde operario;

Os que em misteres diversos
São da vida os cavadores,
Eu que componho estes versos,
Vós que os lêdes, meus senhores;

Os que, amando, se commovem,
Com tudo que o amor lhes faz,
O jovem que adora a jovem,
A jovem que ama o rapaz;

Aquella que o lar governa,
Trazendo a vida nos trilhos,
Com os creados ralha e se inferna
Com a travessura dos filhos.

A mestra de quem se exige
Paciencia, modos serenos,
Se o mal dos nervos a afflige,
Pobresinhos dos pequenos!

A dactylographa diz
Que o seu trabalho é um tormento,
E escreve chapéo com x
E em põe nunca põe o accento.

A pianista de respeito
Que sabe Chopin de cór,
Nervosa, não dá direito
A escala de dó maior!

A que pinta, nada pinta
Se os nervos pintam com ella;
Põe, no mar, vermelha a tinta,
Põe no céu tinta amarella.

A caixeira se atrapalha
A freguesia a servir;
Mostra lenço em vez de toalha,
Vende seda por zephir.

A que em publico declama,
Se de nervos soffre o achaque,
Mistura o "Y-Juca-Pirama"
E o "In Extremis" de Bilac.

A manicura que empunha
Lima, alicate... ou torquez,
Si está nervosa, em vez de unha,
Corta os dedos do freguez.

Do telephone a mocinha,
Desse mal sentindo o effeito,
Não regula e diz que a linha,
Coitada!, é que tem defeito!

A moça que tem namoro,
Se padece de "nervite",
Tem chiliques, cae no choro
E perde o somno e o appetite.

Se é casada, num tormento
A sua vida se resume,
Não a deixa um só momento
O vil demonio do ciume!

Em tudo motivo encontra
Para irritar-se; é um horro!
Chama o marido: bilontra,
Pirata, conquistador!

Se em torno vê tudo alegre,
É razão porque se queixe,
E, gordinha ou "fausse-maigre",
Muda-se de ossos num feixe.

Nervos! nervos que vibraes
No organismo dos mortaes
Em continua actividade,
Sois dinamica energia,
Força vital que irradia
Em poder, acção, vontade.

Dirigis os movimentos
Dos actos, dos pensamentos,
Dos sonhos que a gente tem;
Da vida é todo o problema
Ter o nervoso systema
Perfeito, marchando bem.

Trama electrica dos nervos,
Feliz do que pode ter-vos
Em completa afinação;
Vae tudo ás mil maravilhas,
Fios, dynamos e pilhas
Toda a inteira installação.

E a vida, então, é um presente
Dos deuses. A rir, contente,
Goza-se o bem de viver!
Se uma dôr nos entra n'alma
Os nervos nos dão a calma
Para a extinguir ou esquecer.

Mas, oh céos! se, por desgraça
Ha qualquer coisa que faça
Os nervos sahir do prumo,
De tramontana perdida
Vogamos no mar da vida
Tal como um barco sem rumo.

Tudo é negro á nossa frente
Tudo nos faz descontente,
O prazer muda-se em dôr;
E entre nervosas descargas,
Vivemos horas amargas
De abatimento ou furor.